

O CLUBE DA MADRUGADA E O MOVIMENTO LITERÁRIO AMAZONENSE

The club in the morning and the Amazonian literary movement

Antonio Carlos Pereira

Jaqueline Silva

Mauro Sergio Tiago Bentes

João da Silva Lopes ¹

Resumo: Manaus vivia um período de inércia econômica no final da década de 1940 do século XX quando um grupo de jovens começou a se reunir em um porão na Rua Doutor Moreira. O grupo era formado por Carlos Farias de Carvalho, Jorge Tufic, Alencar e Silva, Luiz Bacelar, Antísthenes Pinto e Guimarães de Paula. A partir de 1951, esses jovens começaram a viajar ao Sul do Brasil com a intenção de entrarem em contato com os meios culturais do eixo Rio-São Paulo e para tentar estabelecer uma renovação cultural na sociedade amazonense. Em 1954, outro grupo de jovens com ansiedades, principalmente políticas, se reuniam em um banco da Praça Heliodoro Balbi e decidiram fundar uma associação de estudos políticos, sociais e literários, o qual deram o nome de Clube da Madrugada, estavam presentes os jovens Saul Benchimol, Francisco Batista, Teodoro Botinelly, José Trindade, Fernando Collyer e João Bosco Araújo, Celso Melo e Humberto Paiva, o nome escolhido pelo grupo para o clube estava de acordo não só pelo adiantado da hora, como também significava o surgimento de um novo dia para a cultura do Amazonas, eles se reuniam sempre no mesmo lugar aos sábados e logo os poetas da Rua Doutor Moreira ingressaram no clube, mais tarde, vieram Luiz Ruas, Elson Farias e Ernesto Penafort. Este trabalho teve como objetivo averiguar o contexto histórico e artístico em que se inseria o Clube da Madrugada e sua importância para o desenvolvimento cultural em Manaus.

Palavras-chave: Poetas. Cultura. Clube da Madrugada.

Abstract: Manaus lived a period of economic inertia in the late 1940s when a group of young people began meeting in a basement on Street Doutor Moreira, the group was formed by Carlos Farias de Carvalho, Jorge Tufic, Alencar e Silva, Luiz Bacelar, Antísthenes Pinto and Guimarães de Paula, from 1951 these young people started to travel to the south of Brazil with the intention of entering into contact with the cultural resources of the Rio-São Paulo circuit and to try to establish a cultural renewal in Amazonian society. In 1954, another group of young people with anxieties, mainly policies, that used to met on a bench of Heliodoro Balbi Square decided to found an association of political, social and literary studies which they named Clube da Madrugada, were present the young Saul Benchimol, Francisco Batista, Theodore Botinelly, José Trindade, Fernando Collyer and John Bosco Araújo, Celso Melo and Humberto Paiva, the name chosen by the group to the club agreed not only by the lateness of the hour but also meant the emergence of a new day for the culture of the Amazons, they gathered in the same place on Saturdays and pretty soon the poets of the street Doutor Moreira joined the club, later came Luiz Ruas, Elson Farias and Ernesto Penafort. This research had the objective of ascertaining the historical and artistic context in which the Clube da Madrugada was inserted and its importance for the cultural development in Manaus.

Keywords: Poets. Culture. Dawn Club.

Introdução

Neste artigo, buscamos analisar e expor o contexto histórico e artístico no período em que foi criado o Clube da Madrugada, bem como sua importância e contribuição para o desenvolvimento da cultura na cidade de Manaus, além de compartilhar com os demais acadêmicos do Instituto Cosmos a atual situação e produção do clube na cidade. A pesquisa baseou-se em análise documental, em *sites* da internet e bibliotecas públicas da cidade. O trabalho está dividido em dois tópicos, no primeiro apresentamos quais fatores levou esses

¹Mestre em História Social pela Universidade do Amazonas – UFAM. *E-mail:* mscjoãolopes@gmail.com.

jovens poetas a criarem o clube e quais produções foram organizadas por eles para promover a cultura na cidade. No segundo tópico, apresentamos a influência e a atuação do Clube da Madrugada, hoje na cidade de Manaus.

Primeiramente, a modalidade escolhida foi a de Pesquisa Documental, que busca exercitar a pesquisa de cunho documental, podendo ser realizada em arquivos de empresas, escolas ou entidades públicas, bibliotecas e bancos de dados digitais, tendo como principal objetivo analisar e interpretar os dados coletados. Para o desenvolvimento de qualquer pesquisa científica, é necessária a definição dos procedimentos metodológicos (TAFNER, SILVA, 2009, p. 143).

Quanto à sua natureza, foi uma pesquisa básica, pois visou produzir conhecimento acerca de um movimento literário regional pouco estudado. A forma como o assunto foi abordado foi qualitativa, pois procurou fazer uma análise de cunho histórico-sociológica do fenômeno, sem levar em consideração aspectos estatísticos ou numéricos.

No tocante aos procedimentos técnicos, com o tema definido, traçamos os objetivos, elaboramos o cronograma das atividades a serem realizadas para se obter as informações relacionadas ao assunto e partimos para a pesquisa, que foi realizada em *sites* da internet. Em busca de material já produzido, constatamos a escassez de informações; buscamos informações em livros de bibliotecas particulares, mas apenas coletamos informações sobre a existência do Clube, nada que pudéssemos descrever os acontecimentos propostos nos objetivos. Partimos, então, em busca de informações na Biblioteca Pública Estado do Amazonas. Nela encontramos três livros raros que tratavam do assunto: dois apenas faziam referências ao Clube e um que relatava a atuação durante os trinta primeiros anos de existência e atividades desenvolvidas pelo Clube da Madrugada em Manaus.

Devido à raridade do material não foi permitido o empréstimo, muito menos xerocólo, portanto utilizamos um celular modelo *smartphone* para tirar fotos das mais de trezentas folhas do livro. Após a análise dos dados coletados, desenvolvemos todo o trabalho e na data programada socializamos os resultados obtidos com os acadêmicos do Instituto Cosmos.

A Manaus dos anos 1950

Com o fim do período áureo da borracha, Manaus passava do *status* de “a Paris dos trópicos” para uma cidade de solidão e abandono da qual contava com as raras manifestações de caridade do governo. O que se viu na cidade foi uma redução populacional, parte da população voltou para o meio rural, regredindo ao sistema do trabalho de subsistência e de troca, o índice de desemprego na capital aumentou e um grande número de desempregados vagava com um futuro incerto pela cidade. Nas palavras de Souza (1977, p. 142), “a Paris equatorial era agora uma *port-au-prince* ridícula, vivendo num isolamento de enlouquecer”.

Já na segunda metade do século XX, a política de desenvolvimento econômico implementado pelo governo do Estado não priorizava os moradores do interior, o que os forçou a abandonarem suas terras rumo à capital, atraídos pelo sonho de dias melhores, mas ao chegarem a tão sonhada capital, o que os encontrava era a miséria, a falta de emprego e a falta de moradia. Muitos se instalavam no centro da cidade e os que não tinham recursos, o que ocorria com a maioria, buscavam abrigos nos bairros mais distantes ou se alojavam às margens dos rios. Conforme apresenta Santos (2010), todo um contingente de trabalhadores que atuavam em seringais e de outros pontos do interior do Estado, migraram para Manaus em busca de alternativas de melhores condições de vida.

Essa “estagnação” da economia amazonense, não se refletiu com a mesma intensidade em todos os setores. Para alguns, foi um tempo de brincar, criar, amar, fazer teatro e questionar

os problemas sociais através da poesia e da literatura, mas o descompasso cultural em relação ao que se fazia no restante do país era grande, as conquistas estéticas do Movimento Modernista ocorrido em 1922, na época da Semana da Arte Moderna, praticamente não haviam chegado ao cenário cultural amazonense. Conforme Alaúzo (1984, p. 11):

Até 1950, dominava no Amazonas o provincianismo literário, que tinha na Academia Amazonense de Letras seu principal reduto. As gerações novas, por falta de comunicação com o resto do país e o exterior, sofriam a influência direta do espírito acadêmico em arte e literatura, embora sobressaíssem algumas contribuições pessoais valiosas, mas sempre ligadas ao formulário europeu, cujos maiores representantes no Brasil já eram considerados figuras de acaso.

A Semana de Arte Moderna de 1922 aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo, com o objetivo de mostrar as novas tendências artísticas que já ocorriam na Europa, era um período repleto de agitações, os intelectuais viram que era o momento de deixar os valores estéticos antigos, para dar lugar ao novo estilo. O maior descontentamento com o estilo antigo era no campo da literatura, principalmente na poesia, o evento aconteceu entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, com uma explosão de ideias inovadoras que abandonavam por completo a perfeição estética tão valorizada no século XIX. Os artistas do país buscavam uma identidade própria com a liberdade de expressão. Com este intento, seguiam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Toda essa novidade era incompreendida pelas academias oficiais e por todos que ainda seguiam o padrão europeu tradicional, conforme Utuari et al. (2013, p. 129):

Os artistas modernistas, em suas discussões, manifestavam o repúdio a modelos pre-estabelecidos para a criação da arte. Para eles, todos podem ser influenciados por outras culturas e produções de artistas. No entanto, para criar uma obra própria, é preciso descobrir suas próprias referências culturais e poéticas pessoais. Os artistas modernistas brasileiros defendiam a liberdade para fazer uma arte brasileira, uma arte sincera, cabocla, mulata em cores nacionais, mas com teor crítico, político e polêmico. Escritores, pintores, escultores, gravuristas, atores e músicos questionavam as influências de formulas clássicas de expressão artística herdadas da estética europeia, trazida para o Brasil pela Missão Artística Francesa, grupo de artistas europeus que chegaram em 1816 para fundar a primeira Academia de Arte no Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e que estabeleceram um gosto acadêmico, neoclássico. Essas influências teriam determinado o modo de criar arte no Brasil durante muito tempo, mas no movimento modernista essas regras começariam a mudar.

Foi como reação a este estilo conservador e com uma vontade enorme de uma renovação artística que jovens intelectuais se reuniam em porões e praças da cidade de Manaus. Assim, nasceu o Clube da Madrugada. Formado por jornalistas, artistas plásticos, sociólogos, literatos (poetas, contistas e romancistas), advogados e ensaístas, esses jovens buscavam no eixo Rio-São Paulo entrar em contato com novos grupos artísticos buscando novos horizontes para a ampliação e difusão do que já estava sendo produzido em Manaus.

Os fundadores do Clube, Saul Benchimol (economista), o qual foi o primeiro presidente, Francisco Pereira Batista (economista), Carlos Farias de Carvalho (poeta), José Pereira Trindade (jornalista), Humberto Paiva (técnico), Raimundo Teodoro Botinelly de Assunção (sociólogo), Luiz Bacellar (poeta), Celso Melo (advogado), Fernando Collyer (ensaísta) e João Bosco Araújo (sociólogo) se encontraram em um banco da Praça Heliodoro Balbi, mais conhecida como Praça da Polícia, debaixo de uma árvore, no dia 22 de novembro, a altas horas da madrugada, quando tomaram a decisão de criar o clube, tempos depois se juntaram a eles os poetas Jorge Tufic,

Alencar e Silva, Antísthenes Pinto, Guimarães de Paula, Luiz Ruas, Élon Farias e Ernesto Penafort. Conforme relata Alaúzo (1984, p. 11):

Corria o ano de 1949. Personagens desse tempo, um grupo atrevido de estudantes, dominado ainda pela sôfrega leitura dos nossos poetas românticos, simbolistas e parnasianos, fez de um sombrio porão da Rua Dr. Moreira, 239, o lugar ideal para seus encontros diários. [...] os anos 50 pintavam no calendário. Aquelas estranhas figuras de poetas-sonhadores que cruzavam as ruas sossegadas de Manaus, já não poderiam continuar indiferentes ao desafio de seu tempo. [...] A Meca brasileira dos homens cultos – aquela cidade do Rio de Janeiro da bela época – refugia, à distância, engastada no litoral. Algas em corpo urdiam, em silêncio, o alvoroço e a expectativa do embarque espetacular, a que estavam ligados planos de futuro. Enfim, partiram nas asas de um FAB. [...] A “Caravana”, como foi batizada depois, compunha-se de quatro: Farias de Carvalho, Alencar e Silva, Antísthenes Pinto e este repórter. A segunda viagem da “Caravana” ao Rio de Janeiro, em princípios de 1953, a bordo do “Santos”, navio da frota do Loide Brasileiro – levaria consigo um novo intelectual e poeta, que interrompera os estudos para seguir a carreira das letras: Guimarães de Paula. Dessa última experiência, de mundo sonhado e vivido seria coletado o material necessário ao conhecimento de nossa própria realidade social e econômica. [...] não se quer dizer, com isso, que os antecedentes do clube da Madrugada sejam apenas estes de que falamos, ou que estejam exclusivamente entre quatro pessoas que foram conhecer o Brasil. Algumas das causas sim. Mas quanto ao privilégio de fundá-lo, este cabe a todos, quer aos que foram e voltaram, quer aos que ficaram. [...] entretanto, se bem que nascido por simples acaso, durante um encontro fortuito entre jovens da mesma geração, o movimento madrugada aparece já com programa de luta (ALAÚZO, 1984, p. 11).

O Clube tornou-se referência na cultura local, era a primeira vez que poetas, escritores e artistas se colocavam em uma posição crítica em relação ao seu tempo, mas esses jovens esbarrariam na resistência e incompreensão dos representantes do pensamento local. Conforme explica Souza (2003), os artistas foram considerados loucos, inveterados alcoólatras, perigosos contestados da inércia. Mesmo recebendo essas críticas, os artistas não paravam de dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos. O Clube também se preocupava com a qualidade e a produção dos novos integrantes. Tornar-se membro do movimento era algo que merecia destaque, pois essa prática possuía uma forma específica de acontecer, era preciso apresentar um trabalho artístico, uma obra literária ou defender um trabalho sobre o assunto de interesse para os participantes, conforme relata Alaúzo (1984, p. 23):

Esta fase boêmia do Clube da Madrugada atingiu, efetivamente, o seu auge com as sessões literárias promovidas no cemitério de São João Batista, depois de soar a meia-noite. Por um ferro quebrado das grades que davam para o Boulevard Amazonas, entravam os seresteiros levando consigo a garrafa de pinga, o violão, e quase sempre livros que eram lidos e discutidos nos bares. Aproveitando esse clima favorável, conferiam-se títulos e honrarias a intelectuais de renome e sagravam-se os novos “Cavaleiros Iniciados em Todas as Madrugadas do Universo”. Com a espada no ombro do novo clubista, que se punha de joelhos no chão, o presidente, investido em suas funções de alto sacerdote, exclamava, em seguida o juramento de praxe: “Eu, presidente do Clube da Madrugada, te concedo as honras de Cavaleiro das Letras Amazônicas, com iniciação em todas as madrugadas do mundo.

A preocupação social do Clube era interligar a arte e a educação para que toda essa produção cultural ficasse ao alcance de todas as pessoas. A promoção artística e a distribuição das obras do movimento aconteciam, muitas vezes, em locais públicos, para construir e solidificar a imagem dos artistas no cenário nacional. Um dos locais onde muitos desses eventos

aconteceram foi na própria Praça Heliodoro Balbi. Eram lançados livros, exposições de artes plásticas, festivais e feiras culturais, e outro lugar escolhido pelo Clube para divulgação de seus trabalhos era a Praia da Ponta Negra, locais importantes no processo de popularização das artes em suas diversas linguagens. Segundo Antonaccio (1997, p. 204):

Repercutindo em todo o território nacional como entidade expressiva da cultura brasileira, o Clube da Madrugada tem merecido encômios e citações, com inclusões de suas obras, em 1979, no Dicionário Prático de Literatura Brasileira, da autoria de Assis Brasil e na recente Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho, publicada em 1990.

Demonstrando a seriedade do movimento, seus integrantes editaram seu manifesto para mostrar que faziam parte dos movimentos artísticos influentes do século XX, com o nome de “Revista Madrugada”, onde condenavam veementemente a escassa produção cultural da cidade. Uma das principais preocupações do Clube era desmistificar o homem da Amazônia, desenvolvendo uma análise de todas as categorias do conhecimento relativo à região, buscando os valores da cultura local e integrar essa cultura a cultura nacional. Com o movimento cultural promovido pelo Clube da Madrugada, era possível vislumbrar a participação do Amazonas numa perspectiva nacional, servindo de inspiração para outros movimentos no âmbito regional e nacional. A atuação do Clube em Manaus foi muito mais que uma manifestação cultural, sua finalidade era, sobretudo, cultural e educativa, indo muito além das exposições de trabalhos realizados por seus membros. Como assinala Alaúzo (1984), a arte foge da perspectiva de que está vinculada apenas à subjetividade do artista, sem conotação com os acontecimentos sociais e políticos do seu tempo.

O Clube da Madrugada viveu duas décadas distintas da história cultural e política no Brasil, a de 1950 e 1960. Marcada pela efervescência cultural e uma grande produção artística, a década de 1950 consolidou as universidades no seu papel de formadora de mentes renovadas que colaboravam com o desenvolvimento cultural do país, coisa que não ocorreu na década seguinte, a de 1960. Contraditoriamente, os anos de 1960 foram marcados pela censura cultural aplicada, principalmente por algumas linguagens artísticas, foi a época do controle direcionado a uma determinada abordagem cultural. Foram alvos de censuras as peças teatrais, os filmes, os livros, a música, a televisão, entre outros. Em Manaus, a presença do movimento militar nas produções artísticas gerou um descontentamento dos artistas em suas produções, conforme relata Alaúzo (1994, p. 37):

Olha-se hoje para aqueles idos, e calculam-se os prejuízos causados a nossa literatura pelos censores do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), sem falar nas medidas adotadas por esse órgão contra os livros ditos subversivos, que eram levados ao fogo pelas torquemadas estadonovistas. Não foram poucas as demonstrações de sadismo e brutalidade praticados pelos esbirros de Vargas contra as liberdades individuais, fazendo baixar ao cárcere os mais altos escalões da intelectualidade brasileira.

Ainda nos anos 1960, o Clube vinculou-se com a União dos Estudantes (UNE) e com o Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas (IHGA). Mesmo passando por momentos difíceis, o movimento foi muito produtivo nos anos de 1960, chegando a 30 publicações entre as cidades de Manaus e Rio de Janeiro, o Clube também publicou duas páginas de literatura e arte no O Jornal e no Jornal do Comércio. Os pontos mais relevantes no âmbito das artes plásticas foram as Feiras de Artes Plásticas, a I Feira ocorreu em 24 de dezembro de 1963 na Praça da Matriz, onde além dos artistas que já faziam parte do Clube, foram revelados os jovens Gualter Batista, Jair Jacquemont, Paulo D’ Astuto, Simão Assayag e Getúlio Alho.

A II Feira ocorreu em 26 de dezembro de 1964 no térreo do Palácio da Cultura, onde os trabalhos se estenderam pela Praça da Saudade. Esse evento logrou grande êxito com a revelação de novos artistas, como o jovem de apenas 16 anos Hanemann Bacellar, que recebeu o primeiro lugar em pintura, com a obra *Cafuné*, revelando sua tendência expressionista. A III Feira de Artes Plásticas aconteceu em 21 de agosto de 1966 na Praia da Ponta Negra. O Clube realizou intercâmbios culturais com cinema (documentários de curta metragem, festivais e mostras cinematográficas). No campo das ciências sociais, participou de conferências como “A Economia no Estado Moderno e Conceituação do Modernismo no Amazonas”. Na música, integrantes do Clube realizaram várias audições no Teatro Amazonas com músicas folclóricas e eruditas, conforme relata Alaúzo (1984, p. 54):

Fazendo menção à feira de artes plásticas montada na Praça da Saudade, nos últimos dias de dezembro de 1964, não devemos esquecer que, segundo o relatório de Francisco Vasconcelos, além de artistas pertencentes ao Clube da madrugada, dela participaram elementos estranhos aos quadros da entidade, pois que naquela oportunidade foram revelados novos valores nas artes plásticas do Amazonas, destacando-se o jovem Hanemann Bacellar que logrou o 1º lugar em pintura. Por isso mesmo, Hanemann acabou de ser eleito para o Clube, sendo, sua eleição, o reconhecimento de seu valor artístico. [...] Documentários curta-metragem: “Grande Feira de Artes Plásticas”, “Galeria do Jornal do Comércio: exposição de pintura”, “Lançamento de “Flauta de Barro”, [...] Conferências: “A Economia no Estado Moderno”, de Saul Benchimol, e “Conceituação do Modernismo no Amazonas”, de Francisco Ferreira Batista – 1966; “Cerâmica Popular Japonesa”, de Luiz Bacellar – 1966; [...] Várias foram as audições de musicistas no Teatro Amazonas, com apresentação de peças folclóricas e eruditas de autores pertencentes ao Clube da Madrugada”.

Os integrantes procuraram manter ao longo dos anos as razões postuladas no manifesto com algumas realizações pioneiras que abrangiam desde artes plásticas, ensaios econômicos, poesia, crítica literária etc. Com essas e outras produções, o Clube da Madrugada possibilitou a permanência de artistas que se consolidaram no cenário cultural local. Com a mudança no seu estatuto, os membros que já faziam parte ficariam até envelhecer, sendo vetada a entrada de novos participantes, cabendo a estes a iniciativa de uma oposição fato que já ocorria nos anos 1970. Mesmo com a tentativa de cisão do movimento em 1965 e com a criação da União Brasileira de Escritores (Seção do Amazonas), o Clube não interrompeu suas atividades, pois nas palavras de Alaúzo (1984, p. 57-58):

[...] apesar da sangria nas hostes do clube. No entender de alguns, sua história revela um singular panorama de lutas e afirmações que extrapolam das artes, das ciências e das letras, para constituir uma epopeia diferente no comando de forças e tendências igualmente diversas. É nisto, precisamente, que reside a mensagem da geração madrugada: provar que as diferenças entre os vários processos do conhecimento, da pesquisa e da criatividade, desaparecem na medida em que se tornam maiores.

Nos anos de 1970, a Universidade e a Zona Franca de Manaus contribuíram muito com a fixação do homem na cidade, o que ocasionou um êxodo do povo do interior para a cidade, porém esse migrante encontrou fome, desemprego e miséria, o que mudou totalmente o comportamento dos encontros, pois esses novos rumos da cidade nada tinham a ver com as reuniões de intelectuais numa praça pública, conforme relata Alaúzo (1984, p. 127-128):

[...] uma dessas mudanças se constitui na opção de morar em conjuntos residências distantes do centro, deste centro invadido pela fúria da comercialização, em grande e pequena escala. Some-se, porém a isto os planos viários que mexeram seriamente nas praças, recantos, monumentos, ruas, travessas e logradouros, desfigurando o aspecto a que estava certamente ligado o hábito vespertino dos encontros saudáveis, sem congestionamentos de trânsito nem ameaça de roubo. Não havia, porventura, uma outra solução que não fosse a de servir apenas ao fluxo de ônibus? E a sonhada beira-rio, contornando as margens dos igarapés, com poucos sinaleiros e nenhum embaraço para o fluxo de gente? É certo que mudaram o pavilhão do Café do Pina, a praça Gonçalves Dias, para um outro local talvez mais pitoresco, próximo dali. No entanto, hábitos são hábitos. E os homens são também como pássaros: migram, quando podem, em sinal de protesto.

As influências que o clube deixou na literatura do Amazonas

Uma das tendências surgidas com o Clube da Madrugada foi a poesia política que destacava as mazelas do governo na sociedade brasileira, e um dos escritores que trabalhou com essa temática foi o poeta Farias de Carvalho, com o livro *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar*, lançado em 1965. Outra influência na literatura foi a poesia telúrica, poesia essa que fala do homem da natureza na Amazônia, tendo representantes, como Luiz Bacellar, com o livro *Sol de Feira* e Elson Farias, com os livros *Estações da Várzea* e *Barro Verde*. Na tendência diversão, temos o escritor Carlos Gomes, autor de *Mundo do Mundo Vasto Mundo*, Erasmo Linhares com os livros *O Tocador de Charamela* e *O Navio e outras Estórias* e também a escritora Astrid Cabral, com *Alamedas*. Conforme relata Uchôa (2015, p. 2-3):

O estilo também teve uma trajetória, começou com o neoclássico e depois foram admitindo-se outros como a poesia política, que apontava males da sociedade brasileira. Seu principal defensor foi Farias de Carvalho, em poemas do livro *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar*; de 1965. Como terceiro estilo apareceu a poesia telúrica aquela que fala do homem e da natureza da Amazônia. Autores como Luiz Bacellar (no livro *Sol de Feira*) e Elson Farias (*Estações da Várzea*, *Barro Verde* e outro). Mas a prosa de ficção também fazia parte e encontramos a narrativa ou regionalista. Arthur Engrácio é seu mais conhecido representante, com os livros de contos como *Estórias do Rio e Restinga*, além do romance *Áspero Chão de Santa Rita*. Antísthenes Pinto, foi um poeta inspirado, que escreveu sobre a mesma temática o Romance *Várzea dos Afogados*. Como contista de tendências diversão estão: Carlos Gomes (*Mundo do Mundo Vasto Mundo*), Erasmo Linhares (*O tocador de Charamela* e *O Navio e Outras Estórias*), Astrid Cabral (*Alameda*) e Benjamin Sanches (*O Outro e Outros Contos*).

Com o objetivo de levar a arte para o povo, o Clube escrevia em cartazes suas poesias, expondo-as em *stands* na Praça Heliodoro Balbi, mais conhecida como Praça da Polícia. Nas palavras de Aguiar (2002, p. 72) “a praça era um espaço de encontro, referência de atividades culturais, principalmente na década de 1950 com a criação do Clube da Madrugada, que fez inovação do estilo literário em voga em Manaus”.

Jorge Tufic trouxe como proposta literária a poesia de muro que havia sido lançada na página artística do Caderno da Madrugada, a intenção era alcançar um maior número de leitores e adeptos. Esse movimento envolvia um trabalho em equipe com a participação de poetas e artistas plásticos, sendo uma obra coletiva a execução era feita com a gráfica do poema e a documentação visual, como relata Alaúzo (1984, p. 129) “poesia de Muro foi um movimento lançado por esta página, entre 1965/66”.

Em comemoração ao 7º aniversário do Clube, foi confeccionada uma placa em lembrança com a legenda: “Pois foi. Jovens se reuniram sob a fronde desta árvore; e aconteceu. Quando madrugada, o Clube surgiu. Era novembro, 22, 1954. E fez-se”. Essa placa foi posta no caule de um Mulateiro, hoje, desta resta apenas uma ponta oxidada. O Clube da Madrugada foi um celeiro de poetas, prosadores e ensaístas da melhor qualidade no Estado do Amazonas, como os poetas de hoje que receberam influências dos poetas que fundaram o Clube temos nomes como os de: Thiago de Mello, Aníbal Beça, Max Carpentier, Márcio Souza, entre outros.

No vigésimo ano de fundação do Clube, o poeta Jorge Tufic publicou o Estatuto-Poema com a finalidade de tornar a associação de utilidade pública. Em seus versos, ele relata que o Clube não possui distinção de raça, sexo, cor, atividade ou ideologia, que qualquer um pode fazer parte do clube, que as reuniões seriam feitas uma vez por semana em qualquer lugar, que os assuntos debatidos pelos membros nas sessões seriam isentos de censura e o Clube nunca se extinguiria. Costa (2013) explica que os membros empossados na década de 1980 pelo ex-presidente do Clube dedicaram-se a manter a tradição que ficou expressa na máxima de: ‘onde estiver um ou mais escritores reunidos falando de cultura, lá estará também se reunindo o Clube da Madrugada’.

Considerações finais

O Clube da Madrugada vive apenas na memória dos poucos que ainda vivem, mesmo tendo membros reconhecidos nacional e internacionalmente, poucos são os moradores da cidade que conhecem a história desse movimento que mexeu culturalmente com a cidade de Manaus, salvo eventos realizados para comemorar seus aniversários.

O Clube da Madrugada deixou um riquíssimo legado cultural que perdura até os dias atuais, o movimento deixou marcas nos vários segmentos culturais com inúmeras reflexões que podem nos ajudar a compreender melhor nossa realidade, nos levando a olhar a vida social sob uma perspectiva mais crítica e objetiva. Seus integrantes deixaram ao Amazonas obras expressivas que equivalem ao que de melhor é produzido no contexto literário brasileiro.

Não devemos considerar um exagero dizer que a literatura amazonense não seria a mesma sem a contribuição desses renomados escritores, com o sonho de construir uma democracia e um planeta com paz entre as nações. O movimento estava marcado pelo otimismo, na crença de um ser humano melhor e uma sociedade mais justa. Não podemos deixar que essa herança seja esquecida, devemos manter viva a memória e as realizações do Clube da Madrugada. Mesmo cada vez mais distante na História, tudo o que o Clube produziu foi válido, seu legado é histórico, faz parte da nossa história, devemos celebrar e levar para as novas gerações todas as produções e os pensamentos desses homens que questionaram o *status quo* de uma sociedade provinciana e apegada a valores academicistas.

O Amazonas foi celebrado de várias formas por esses poetas, mas infelizmente a produção literária amazonense não tem muita repercussão entre a população do estado. A literatura regional consta apenas nos conteúdos programáticos das escolas, na qual é abordada superficialmente no Ensino Médio, poucos alunos e a maioria da população, principalmente a de baixa renda, não conhecem nossa literatura e que um dia existiu um Clube que se preocupou em trazer para a cidade e seu povo um movimento grandioso, que cantou, pintou e proseou as ricas cores do Amazonas, o povo que aqui reside, sua culinária, o modo de ser do caboclo ribeirinho e todos os mistérios que sua grandiosa floresta esconde.

Referências

AGUIAR, José Vicente de Souza. **Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60**. Manaus: Valer, 2002.

ALAÚZO, Jorge Tufic. **Clube da Madrugada: 30 anos**. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Entidades e monumentos do Amazonas: fundação – História – importância**. Manaus: Imprensa Oficial, 1997.

COSTA, Carlos. **Os poetas da “Madrugada”**. Crônicas. 2013. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/4312540>>. Acesso em: 23 maio 2017.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **História do Amazonas: 3ª Série – Ensino Médio**. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, Marcio. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. Manaus: Valer, 2003.

_____. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; SILVA, Everaldo da. **Metodologia do trabalho acadêmico**. Indaial: Uniasselvi, 2009.

UCHÔA, Jane Eyre. **Clube da Madrugada**. 2015. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/clube-da-madrugada-jane-uchoa.html>>. Acesso em: 23 maio 2017.

UTUARI, Solange dos Santos et al. **Arte por toda parte: volume único**. São Paulo: FTD, 2013.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.